

# RISCOS DA BELEZA E DESEJOS DE UM CORPO ARQUITETADO

MARINA GUZZO

Doutoranda em Psicologia Social da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
marinaguzzo@hotmail.com

## RESUMO

*Este trabalho busca entender o risco no processo de construção do corpo belo, perfeito e desejado. Este desejo de construir um corpo forte e seguro não é novo na humanidade, novas sim são as tecnologias que existem hoje para que aconteça essa construção. Anabolizantes, esteróides, suplementos alimentares, técnicas cirúrgicas de correção ou extração de gordura: são infinitas as formas de arquitetar a beleza. Muitas delas, porém, oferecem diversos riscos, desde a possibilidade da não mudança até a morte. É necessária esta reflexão dentro da Educação Física, em que profissionais convivem diariamente com a busca desenfreada pelo corpo ideal dentro de academias, clubes, parques e até mesmo na escola. Como é possível que hoje se arrisque tanto pela beleza do corpo? Como o risco influi na decisão de construir para si um corpo perfeito? Quais são as relações de produtos tecnocientíficos e corpo e como eles transformam-se e alteram nossas práticas cotidianas?*

*PALAVRAS-CHAVE: Corpo; risco; beleza.*

## O CORPO ARQUITETADO

No ano de 2004, soube-se pela mídia que três adolescentes do Distrito Federal entraram em coma por injetar anabolizante para cavalos. Um deles faleceu dias depois e os sobreviventes contaram que desejavam um corpo mais forte e músculos maiores com a ajuda da musculação. Nesse mesmo ano a revista *Época* dedicou a capa de uma edição ao tema da vaidade e ao desejo da transformação do corpo. Na reportagem destacaram-se casos de implantes, próteses, cirurgias e uso de substâncias para aumentar a massa muscular ou diminuir o peso. Histórias como essas acontecem todos os dias nas academias, nos clubes e nos espaços de cuidado e devoção ao físico que se encontram espalhados pelas cidades.

O desejo de construir um corpo belo e forte não é novo na humanidade, novas sim são as tecnologias que existem hoje para que aconteça essa construção. Anabolizantes, esteróides, suplementos alimentares, técnicas cirúrgicas de correção ou extração de gordura: são infinitas as formas de arquitetar a beleza. Muitas delas, porém, oferecem diversos riscos, desde a possibilidade da não mudança até a morte.

Este trabalho tem o objetivo de entender como é possível que hoje se arrisque tanto pela beleza do corpo? Como o risco influi na decisão de construir para si um corpo perfeito? Quais são as relações de produtos tecnocientíficos e corpo e como transformam-se e alteram nossas práticas cotidianas?

Esses questionamentos surgiram a partir da pesquisa realizada em 2002 e 2004 que resultou na dissertação de mestrado intitulada *Risco como estética, corpo como espetáculo*, que propõe o corpo do acrobata como uma construção estética do risco. Também da vontade de situar, dentro da Educação Física, esse debate, pois é o uso de substâncias de risco aliado ao desejo de transformação do corpo que têm definido as práticas corporais, nosso objeto de estudo e atenção.

## SOBRE A FIXIDEZ DO CORPO

Pensar o risco é geralmente pensar o movimento. Esse caracterizado como ação de qualquer tipo, envolvendo escolhas que possam gerar conseqüências para o indivíduo que as faz. Essa idéia vem agregada à busca desenfreada pelo novo, trazida pelo modelo capitalista na modernidade tardia. O risco existe sob a pressão das circunstâncias, na luta pela vida, ambicionando uma maior duração de qualquer uma das fontes de prazer: do tempo, da adrenalina, da queda, da vertigem, do lucro. O maior sucesso está sempre colado ao maior risco: quanto maior a manobra, o movimento, maior o que se pode ganhar ou perder.

A vertigem que nos atrai para o perigo, para o nada, para a morte, para a novidade, pressupõe um corpo que caminha, que se move. O movimento sugere o contrário da fixidez, que seria prontamente traduzida por aquilo que não muda. Não é necessariamente verdadeira essa oposição. A fixidez é sempre momentânea. “É um equilíbrio, ao mesmo tempo precário e perfeito” (Paz, 1988). Basta uma pequena mudança para que se desencadeie uma série de metamorfoses. Cada uma dessas, por sua vez, é um momento de fixidez no qual ocorre outra alteração no equilíbrio antes proposto. O risco também é uma alteração de equilíbrio. Ele sugere uma lacuna entre a fixidez do cotidiano e a possibilidade de transformação de uma situação para melhor ou para pior. Existe sim a possibilidade da positividade do risco, um exemplo disso é o risco-aventura, os saltos acrobatas ou outras práticas corporais que envolvam o uso de aparelhos de segurança para evitar algum acontecimento indesejado.

É a metáfora do devir que se caracteriza no risco, na vontade de tirar a fixidez do corpo, de alterar, modificar, manipular, controlar e principalmente desejar. Devir, tornar-se aquilo que ainda não é, chegar a ser: hoje existe a idéia de escolher um corpo.

## DO RISCO

Risco é um conceito nômade que orienta múltiplas práticas e recebe conteúdos diversos segundo os diferentes campos de saber que habita: a ciência política, a economia, a medicina, o direito, a engenharia, a ecologia e o corpo humano. Em sua face positiva, esse conceito supõe que tenhamos roubado o futuro das mãos dos deuses, remetendo-nos ao planejamento e à possibilidade de aventurarmos cultural e cientificamente (Bernstein, 1997), ou seja, com segurança e controle no uso de tecnologias bastante complexas. Porém, sempre existiram práticas que fugiram desse controle, ou que existiram apesar dele. Histórias do corpo em risco, histórias do risco do corpo. Falar de risco de alterações do corpo por meio de substâncias ou práticas especializadas é contar a história do corpo. É olhar para a história por meio dele e antes de tudo problematizar uma prática corporal, um fazer do corpo que envolve não só sentidos para quem escolhe, mas também para quem consome as várias substâncias oferecidas para essas práticas. Nesse caso especificamente o corpo serve de suporte e de metáfora para o risco.

O risco, por sua vez, é entendido como um perigo ou ameaça objetiva que é inevitavelmente mediado por processos culturais, históricos e sociais e não pode ser conhecido com o isolamento dos mesmos. Mas é uma objetividade elaborada, um produto da construção de uma forma de governo de corpos e de configuração

da realidade<sup>1</sup>. O risco passa a ser entendido como estética da existência, é ele o organizador da experiência da vida contemporânea em domínios variados.

## RISCO COMO LINGUAGEM

Algumas coisas antes consideradas arriscadas, hoje não são mais; ao mesmo tempo novos riscos surgem, a cada amanhecer, para o ser humano. O significado da palavra risco mudou: atualmente entrou para a esfera econômica e política, sendo enfraquecida na sua primeira relação com cálculos técnicos e probabilidades<sup>2</sup>. Existem muitas versões para a origem da palavra risco. Como discutido por Spink (2001) o primeiro registro da palavra é do século XIV, em castelhano (*riesgo*), porém ainda não possuía a conotação de perigo. Os estudos etimológicos da palavra risco sugerem que ela tenha origem em *resecare* (cortar), utilizada para descrever geografias “cortantes” relacionadas às viagens marinhas, como penhascos submersos que cortavam os navios. Nessa época a navegação era de grande importância para as atividades comerciais. Também, nesse momento surge o conceito de possibilidade, ou segundo Spink (2001) a cosmovisão emergente de pensar o futuro como passível de controle. Risco passou a significar a probabilidade de um evento ocorrer ou não, combinado com a magnitude das perdas e ganhos envolvidos na ação realizada, associada, inicialmente, ao comércio marítimo e a necessidade de seguro para navios e mercadorias. O mar era desconhecido e perigoso e a probabilidade de perder cargas, pessoas (reis, rainhas) era grande e arruinadora.

Desde então o conceito risco fica impregnado de ambigüidade: entre possível e provável e entre positividade e negatividade. Essa indeterminação possibilita entender risco relacionado aos conceitos de sorte, fortuna, azar, chance que também expressam o sentido de incerteza sobre resultados esperados.

A concepção de termos como azar e perigo serviram para contextualizar o surgimento da teoria da probabilidade. Pascal e Fermat deram a resolução sobre como dividir as apostas quando se interrompe um jogo, que se trata do início da análise sistematizada de probabilidades.

Bernstein (1997) sugere que a probabilidade surge com um duplo significado: a raiz latina é uma combinação de *probare* (testar, provar ou aprovar) e *illis* (capacidade de ser). Para Galileu probabilidade era “quanto do que nos diziam poderíamos aprovar”. Já na concepção mais moderna de Leibniz (apud Bernstein,

---

1. Idéia de governamentalidade introduzida por Foucault (1999).

2. Para entender melhor a mudança de definições e dos discursos do risco ver Spink, M. J. *Os contornos do risco na modernidade reflexiva: considerações a partir da psicologia social*. Spink (2000a).

1997), significava “quanta credibilidade poderíamos atribuir às evidências”. Hoje está relacionada a uma técnica matemática que indica as frequências dos eventos passados para calcular a probabilidade de ocorrência futura.

A partir da associação o conceito de risco à economia e à política no século XIX, os homens aprenderam a ter aversão a ele, pois supuseram que deveríamos fazer as nossas escolhas de acordo com um cálculo. Também o sentido da palavra azar influenciou a progressiva negatividade do risco, ficando esse termo associado a uma forma de disciplinariação do corpo social e, posteriormente, de cada indivíduo (Spink, 2001).

A idéia de risco originalmente era neutra: uma probabilidade de perdas e ganhos. O surgimento da teoria da probabilidade no século XVII transforma-a em base do pensamento científico essencializando a natureza da evidência, do conhecimento, da autoridade e da lógica (Douglas, 1992). Cada processo e atividade tinham sua probabilidade de sucesso ou fracasso. Essa idéia influenciou o pensamento no mundo moderno.

Como a política e a cultura foram fortemente influenciadas pela ciência e pela filosofia, e o pensamento dessas estava influenciado pela probabilidade e idéia de risco, esse conceito rapidamente migrou para esses campos, transformando em perigo. Este termo é aplicado em diferentes contextos que incorporam as diferentes ordens morais, unindo aos riscos pessoais as conseqüências dos produtos globalizados, da ciência e da tecnologia. A linguagem dos riscos configura-se como um produto da organização da sociedade moderna, associada à aspiração ao controle do futuro.

A palavra risco tornou-se um termo forense, utilizado como recurso jurídico para decisões de guerras, de invasões, de investimentos, de licenças e de outras esferas dos governos. É por essa lógica desenvolvida por Mary Douglas, que se compreende que risco hoje é entendido como qualquer ação política. Uma vez que ele significa perigo, levar em consideração os perigos envolvidos em ações políticas é bastante prudente. Antigamente risco estava associado à possibilidade de perder ou de ganhar; hoje está diretamente ligado à possibilidade de perder. Atualmente é uma forma de olhar para o futuro e prever o que pode dar errado ou quais são os perigos que possivelmente encontraremos à frente. Risco é uma forma de negociar ou de colonizar o porvir (Beck, 1998). Eventos que ainda não aconteceram influenciam fortemente o nosso presente.

O futuro que pode ser colonizado por meio da análise dos riscos traz consigo a idéia de perigos e ameaças a serem conhecidas e pensadas: quanto maior a ameaça, ou como ela é socialmente construída e definida, maior a mudança realizada para a prevenção daquele mal no futuro. Novamente volto ao argumento polí-

tico do risco e baseio-me em Beck (1993) para dizer: quanto mais tentamos colonizar o futuro, mais ele tem surpresas a nos oferecer.

Firmam-se como termos-chaves na linguagem dos riscos: os perigos, chances, ganhos, perdas e incertezas que desencadeiam o controle desses riscos como uma linguagem social formatada. Essa linguagem social associou-se ao mundo financeiro, às relações entre profissionais de saúde e seus pacientes e ao mundo dos esportes de aventura, ou das profissões de perigo (como os bombeiros). Segundo Spink, desde que o risco tornou-se objeto de gestão, expressa-se de formas diferentes quando usado em contextos distintos (Spink, 2000, p. 19).

Ainda, segundo a mesma autora, a noção discursiva de risco hoje está relacionada a duas tradições: a primeira referente a crescente necessidade de governar populações e a segunda herda a positividade da aventura (Spink, 2001).

A primeira noção deriva da necessidade do governo de populações e traz referências às medidas coletivas destinadas a gerenciar relações espaciais, ou a distribuição das pessoas nos espaços físicos e sociais. Também refere-se ao processo de disciplinarização, no qual o próprio corpo é alvo do controle, sendo a educação, especialmente na instituição escolar, a estratégia responsável por ensinar procedimentos corretos para os cuidados do corpo, com a higiene, que começa no movimento higienista do final do século XIX (Soares, 1994). À saúde pública cabe as estratégias de prevenção de doenças infectocontagiosas, passando pela higiene do lar até a da moral. Mais tarde no século XX, com o aumento da expectativa de vida e da melhoria das condições sociais, a difusão das doenças crônicas, ou dos grandes males relacionados às práticas como o fumo e o sexo sem preservativo, são definidos novos padrões de controles relacionados ao estilo de vida de cada um.

A segunda caracterização, refere-se ao risco como aventura na qual suas práticas são necessárias para obtenção de ganhos. "Correr riscos", em todos os sentidos, aparece como forma contemporânea de ser: coragem, adrenalina, medo, movimento. A aventura passa a ser envolvida por aparelhos de segurança, equipamentos específicos e constante monitoramento. O ingresso nesse tipo de modalidade de risco mantém a tradição do fortalecimento do caráter, ou do mito do herói. Nesse sentido o risco é desejado.

A concepção moderna do risco traz a vontade de controle do futuro e da racionalidade humana. Essa noção passa por dois estágios: do cálculo estatístico e da incerteza manufaturada. Por essa concepção entende-se as formas de risco inescapáveis da vida moderna: todos estamos encarando o desconhecido e riscos suportáveis. Risco se torna outra palavra para "ninguém sabe". Não podemos escolher mais se queremos ou não correr riscos, vivemos com eles, todos os dias. Dessa forma, calcular e geri-los passa a ser um grande negócio e preocupação. Por

outro lado, a incerteza manufaturada significa que a fonte do maior e novo risco que corremos pode trazer-nos o benefício do conhecimento. Os experimentos científicos com o corpo constituem um bom exemplo de incerteza manufaturada. Ele é o cenário no qual muitos riscos podem atuar, e é de grande preocupação do homem pós-moderno o controle de sua saúde e dos riscos de vida que males ao corpo podem causar.

A ciência, assim como a política, tomou o conceito de risco como base para seu discurso e tornou-se autoridade para falar do que é ou não seguro para nós humanos. Ela por sua vez apoia-se num uso de riscos para futuros muito distantes de nós, riscos que influenciarão nossos netos, nossos bisnetos. Por exemplo, a clonagem de seres-humanos, o advento da inteligência artificial. Somos obrigados a optar agora para riscos prováveis em cem, duzentos anos.

A incerteza do presente faz-nos desejar o futuro. As desigualdades sociais, a sujeira do planeta, a destruição da natureza, a possibilidade de guerras arrasadoras, o fim da água, o esgotamento do petróleo. São forças que convivem diariamente com a subjetividade humana no século XXI e transformam seus hábitos, seus sonhos, suas formas de cultura. Mudam as ameaças, mudam os medos, mudam os riscos.

## O ESTUDO DOS RISCOS DO CORPO

O estudo científico do risco adquire maior expressividade a partir da década de 1950 e por isso formam-se conjuntos distintos de repertórios em diferentes áreas de conhecimento: o cálculo de riscos, sua percepção, sua gestão ou gerenciamento e sua comunicação (Spink, 2001). Cada uma dessas abordagens inclui um conjunto de técnicas que por sua vez agrega outros repertórios. Por exemplo, o cálculo de riscos traz a quantificação de efeitos adversos, estimativa de probabilidade, magnitude das conseqüências. A percepção de riscos envolve a relação entre as pessoas e o que eles representam ou não, os comportamentos e ainda a avaliação de novas tecnologias. A gestão dos riscos engloba os seguros, a lei de responsabilização por danos, intervenção governamental direta e auto-regulação (Menegon, 2003).

O advento das novas tecnologias e o acúmulo de incertezas, complexidades e transparências do corpo levam-nos a pensar que o futuro é uma responsabilidade humana. O ser humano é o único agenciador do tempo, fundamentado por tecnologias e conhecimentos científicos.

Na área da saúde, o corpo pode ser minuciosamente transparente e translúcido, visível em sua interioridade orgânica. Novas tecnologias médicas e científicas, objetos cada vez menores (as nanotecnologias) e mais eficazes são capazes de explorar esse espaço fluido, antes cheio de segredos.

Cada vez mais o corpo torna-se uma combinação de próteses, enxertos, metais e outros tantos artefatos que modificam sua estrutura química, física e, sobretudo, estética.

A ciência trabalha para a construção de corpos perfeitos, alinhados, músculo a músculo, esticados ruga a ruga e controlados quilo a quilo. A tirania do *body building* (Vaz apud Soares, 1998) invade nossa alimentação, escolhas diárias, metabolismo e até nossa sexualidade. As descobertas sobre o corpo são acompanhadas por novas dúvidas a seu respeito; nos tornamos cada vez mais alertas aos sinais emitidos por ele, sensíveis a perceber seu funcionamento e as suas transformações.

Nosso corpo não é mais nosso, transformou-se em imagens. Essas nos colocam diante da valorização do risco no esporte, mercado financeiro, trabalho e espetáculo. Existe aí um crescimento da nossa necessidade de proteção, em especial, da saúde e da integridade do corpo. Há um estímulo ao risco por meio da fragilização do corpo. Mais que nunca, pensamos a realidade em termos de riscos. Vivemos a nos perguntar qual o risco em fumar, em comer carne, em praticar esse ou aquele esporte e assistir a um ou outro espetáculo. O corpo é pensado e atravessado por diferentes tecnologias. Ele tornou-se virtual, como na idéia de Piérré Lévy (1996), “no final das contas, as biotecnologias nos fazem considerar as espécies (principalmente a humana) num *continuum* biológico virtual muito mais vasto e ainda inexplorado” (p. 27).

A virtualização corpórea marca uma nova etapa de relação com o corpo. Os sistemas de realidade virtual nos mostram, mais que as imagens, uma presença, parcial, em muitos casos total, dos corpos. Essa virtualização não nos pode tirar a idéia de ação corporal. O que muda nessa nova configuração é o espaço e o tempo. O corpo virtual é desterritorializado e, por isso, é multiplicado sem limites e contornos. “O corpo abandona o chão e seus pontos de apoio, escala os fluxos e desliza nas interfaces, serve-se apenas de linhas de fuga, se vetoriza” (idem, p. 32).

Nesse sentido, a virtualidade do corpo emprega uma potência de reinvenção com ou por causa de objetos, forças e mundo. Como nos diz Deleuze (2002) ao falar de Espinosa “não sabemos o que pode um corpo”. Essa declaração de ignorância chega a ser uma provocação, principalmente por tratar-se do corpo virtual que podemos enxergar das mais diversas formas. Trata-se de dizer das materialidades indizíveis do corpo.

A imagem da vaidade: a tecnociência na sociedade de risco

O risco é hoje um importante gestor de corpos. Gerenciá-los e prever o futuro foi exatamente o que determinou a entrada da sociedade no período moderno, pois os riscos sempre estiveram presentes na história da humanidade. Vive-

mos então numa “sociedade dos riscos”, segundo Beck (1993). Risco é, portanto, uma construção estética. Essa tem como pressuposto a configuração de uma sociedade de riscos, recortada pela sensibilidade humana pelo ponto de vista da vertigem e da incerteza. Essa estética permite a criação de manifestações do risco como espetáculo, como ingrediente para vendagem de corpos e vidas, transformando as formas de beleza, potência e humanidades.

A opção pelo foco na estética do risco no corpo surge, nesta pesquisa, a partir de algumas leituras sobre posições teórico-epistemológicas: inspirada principalmente pelo mito do *cyborg* proposto por Donna Haraway (1991). Ele é um organismo cibernético, uma criatura de ficção científica e de realidade social. É o corpo transformado em matéria híbrida: uma mistura de organismo e máquina. Esse novo corpo une-se à nova configuração da realidade transformada pela reprodução cibernética e reestruturada pela influência da mediação eletrônica repleta de riscos.

O mito do *cyborg* é mencionado como forma de superar algumas das dicotomias do corpo: homem-máquina, humano-objeto, gênero e sexo. O *cyborg* é a imagem do híbrido, ou seja, um corpo que comporta elementos, tempos e ordens diversas. Essa imagem é comparada à figura dos monstros, que podem, segundo a autora, viver como num sonho de um mundo sem os dualismos (*idem*). O *cyborg* é uma figura de borda, termo emprestado da ficção científica, e depois misturou-se “a outros tipos de configurações nos quais o mais importante não era o elemento maquínico, mas o informacional” (Galindo, 2003). Essa afirmação relaciona-se com o tema tratado neste artigo: o corpo arquitetado, construído que assume uma diversidade de riscos para ser belo. O importante para esse corpo não é o componente que ele terá que é externo, maquínico, objetal, e sim o que ele passa a informar tendo em sua carne esses objetos. O corpo arquitetado coloca-se em risco principalmente quando é indagado em relação ao tempo: podemos perguntar na ação de “construção” do corpo, o que? Onde? Quanto? E temos as respostas rapidamente. Porém em que momento perguntamos quando? A discussão sobre riscos muda. Quando o risco entra em contato com o tempo sabemos que haverá transformações que podem ser definitivas ou não, mas não sabemos, em relação ao corpo, que transformações são estas.

As biotecnologias, que são as tecnologias que influenciam direta ou indiretamente na direção e formação da vida, são incertas e nos colocam num presente no qual não se pode prever o futuro. A possibilidade de erro em relação a uma intervenção no corpo é irreversível e supõe uma transformação não desejada. Um exemplo é a aplicação de *botox*: uma injeção sintética da toxina botulínica que paralisa a musculatura, utilizada na epiderme de mulheres e homens (sim, os homens também desejam construir um corpo belo) para diminuir rugas e enrijecer a pele. Se

mal aplicado, o *botox* pode gerar manchas, protuberâncias no rosto, e mais gravemente: alterar completamente a expressão facial de alguém. Ou como publicado no jornal *Folha de S. Paulo* :

A aplicação inadequada de Botox pode não apenas eliminar as rugas mas também impedir o paciente de fechar os olhos. Como consequência direta, surge —ou é agravado— o distúrbio do olho seco, que causa desconfortos como ardor, presença de muco, coceira, vermelhidão e sensação de corpo estranho na vista. O alerta é do oftalmologista André Borba, coordenador do Ambulatório de Cirurgia Plástica Ocular, Órbita e Vias Lacrimais do Hospital das Clínicas (SP) (*Folha Online*, 1 jul. 2004).

Esses tipos de riscos passam despercebidos nas milhares de aplicações diárias de *botox* que movimentam R\$ 100 milhões em um ano no Brasil<sup>4</sup>. O corpo atravessado de tecnologias coloca o *cyborg* como a figura central do desejo humano, mesmo que não consciente.

Os riscos das tecnologias da vaidade fazem-nos pensar num corpo artificial, falso, endurecido pelas impossibilidades de ser o que ele “naturalmente” seria. O risco envolvido nessa construção passa a ser cotidiano, mesclado na forma de imagens, produtos, propagandas, celebridades e até na moda. É um objeto definido, dependente do contexto que é criado e determinado, identificado. A noção de risco não se baseia somente nas experiências científicas ou nas opiniões médicas, ela é construída culturalmente, de modo que em cada contexto social destaca-se um risco e ignora-se outro. Existe então uma construção ideológica que bloqueia ou estimula a eleição do que se espera ganhar ou perder.

No caso do corpo, e especificamente do brasileiro, é esperado perder as gorduras, rugas, celulites e isso é colocado como prioridade em detrimento ao risco que se corre ao passar por uma intervenção qualquer de modificação corporal.

Essa relação de perdas e ganhos envolvida na busca pela vaidade atropela nossa prudência em relação ao corpo. Essa, em seu sentido estrito, é uma virtude. Não podemos analisá-la sem pensar numa rede de valores e crenças e tratá-la como uma forma operativa, ou seja, como o valor nos ajuda a atuar com maior ou menor consciência frente às situações da vida. A prudência é tão discreta que passa inadvertida aos nossos olhos. É certo que admiramos as pessoas que tomam decisões acertadas na vida, que dão a impressão de jamais equivocar-se, entendem o que está adiante e adiantam-se com êxito em tudo que propõem, conservando a calma em situações difíceis. Esses são os seres prudentes.

---

4. Folha Online. Caderno Equilíbrio. Dia 03/06/2004.

## PRUDÊNCIA E ÉTICA CORPORAL

A prudência é o valor que ajuda a reflexão e a consideração dos efeitos produzidos por nossas ações e palavras. A falta dela, ou a impulsividade trará sempre conseqüências em todos os níveis. A prudência é aquela virtude que preza pela integridade e salvaguarda as aspirações humanas.

A prudência está aliada ao risco, pois implica em escolha, em direcionamento de ação e ponderação do futuro. É a partir dela, dessa virtude moral, que possibilitamos as formas de ação que constroem o mundo. Ela é o meio para atingir-se o bem humano, qual seja, e a auto-realização dos sujeitos (naturalmente, “prudência”, aqui, no sentido clássico de *prudencia – a recta ratio agibilium*).

A prudência aparece, desse modo, como razão prática e sabedoria concernente às coisas humanas. É a partir dessa virtude que podemos aplicar o conhecimento da realidade à realização do bem. Ela orienta o homem para o ser, para a perfeição do “fazer a verdade” (Jo 3, 21 apud Comte-Sponville, 1995) por meio da variedade que constitui o mundo. Todas as demais virtudes têm na prudência a matriz.

Mas o que é considerado o bem numa sociedade de risco? Quem é considerado prudente no meio da estimulação para ações de risco ou consideradas imprudentes?

As imprudências podem ser traduzidas em dois tipos de vícios: os manifestamente contrários à prudência e aqueles que, embora também oponham-se à ela, guardam certa semelhança. O primeiro tipo inclui os vícios que se afastam das regras que tornam o agir de acordo com a razão. São vícios que têm como matriz principal a luxúria, ou seja, o fato de que a ponderação que caberia à tomada de decisão e à ação é corrompida pela busca de prazer. Assim, a ação é movida pelo ímpeto da vontade ou da paixão. Ainda sobre as imprudências, encontramos a negligência que constitui um oposto à prudência devido à falta de solicitude do sujeito que empreende a ação. Trata-se de uma falta de eleição dos meios conducentes ao fim, o que é peça fundamental e decisiva do agir prudente.

O segundo tipo diz respeito aos vícios que, embora sejam opostos à prudência, guardam semelhança com ela por usarem da razão. Esse tipo de vício nasce da avareza, ou seja, da desmedida aspiração por toda a espécie de posse. O primeiro deles é chamado de “prudência da carne” e traduz-se na aplicação de esforços com vistas a um fim que não está ligado ao bem humano: ao contrário, é o bem da carne que é eleito como fim último da vida.

Ainda no que se refere a esse tipo de vício que apresenta certa semelhança com a prudência, temos uma outra espécie ainda mais sutil que é a solicitude por coisas temporais e não por bens espirituais. De três formas esse vício pode apre-

sentar-se: se tomarmos as coisas temporais como o fim último de nossas ações, se nossos esforços forem demasiadamente exagerados ou se tivermos temor exagerado de não alcançar nossos objetivos.

A imprudência parece, assim, caracterizar a vida do homem moderno.

Como proposto por santo Tomás de Aquino (Lauand, 1997) essas várias visões da imprudência ressaltam a acentuada relação que elas guardam com o mundo concreto. Assim, a prudência do agir tem como fator condicionante a própria realidade e mesmo uma ação aparentemente prudente pode, em certas circunstâncias, traduzir-se em imprudência. A prudência constrói-se, nesse sentido, em cada ato humano, não residindo em um mundo das abstrações ideais.

Para Deleuze et al. (1995) a prudência é a condição para que todas as outras virtudes aconteçam. Ela nos permite deliberar o que é bom ou ruim para o nosso corpo. Parecida com o bom senso, a prudência age como meio ou instrumento para que as outras virtudes, como a coragem, se destaquem. É a prudência que determina o que é necessário escolher e o que é preciso evitar. Ela nos ajudaria a resgatar uma ética corporal (Sant'Anna, 2001).

É preciso criar uma ética corporal, um novo estatuto no qual as novas tecnologias, o tráfico de órgãos, a clonagem as transformações genéticas não se transformem em mercadorias de corpos pobres para ricos. Há que se trocar sua brutalidade material por uma sutileza. E ela vem justamente da atenção do que se passa entre o corpo e seus encontros.

O homem não existe senão por meio das formas corporais pelas quais ele é inserido no mundo. "Alterando essas formas, alteramos também a definição, sempre em construção de sua humanidade" (Couto, 2002).

### Risks of beauty and desire of an architected body

*ABSTRACT: This work intend to understand risk in the process of construction of the beautiful, perfect and desired body. This desire of constructing the perfect and strong body is not new for humanity, but the technologies involved in this process are. All kinds of techniques are used for this architecture. Many of them provide a number of risks, from the possibility of not changing at all until death. This reflections are made necessary in Physical Education area, where the professionals work every day with people and their body. How is it possible that people take so much a risk to be beautiful? How does the risk influence the decision of constructing the perfect body? Which are the relations between technologies and body?*

*KEY-WORDS: Body; risk; beauty.*

## Riesgos de belleza y deseo de un cuerpo moldeado

*RESUMEN: Este trabajo busca entender el riesgo en el proceso de construcción del cuerpo bello, perfecto y deseado. Este deseo de construir un cuerpo fuerte y seguro no es nuevo en la humanidad, aunque sí son nuevas las tecnologías que existen actualmente para que ocurra esa construcción. Anabolizantes, esteroides, suplementos alimenticios, técnicas quirúrgicas de corrección o extracción de grasa: las formas de diseñar la belleza son infinitas. Sin embargo, muchas de ellas poseen diversos riesgos, desde la probabilidad de que no haya cambios hasta incluso la muerte. Esta reflexión es necesaria dentro de la Educación Física, en la cual profesionales conviven diariamente con la búsqueda desenfadada del cuerpo ideal en gimnasios, clubes, parques y hasta en la escuela. ¿Cómo es posible arriesgarse tanto por la belleza del cuerpo hoy en día? ¿Cómo el riesgo influye en la decisión de construir para sí un cuerpo perfecto? ¿Cuáles son las relaciones entre productos tecnocientíficos y cómo éstos se transforman y alteran nuestras prácticas cotidianas?*  
*PALABRAS CLAVE: Cuerpo; riesgo; belleza.*

## REFERÊNCIAS

- BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. Cambridge, UK: PolityPress, 1993. (Risikogesellschaft. Frankfurt: Suhrkamp, 1986)
- \_\_\_\_\_. *Politics of risk society*. In: Franklin, J. (Org.). *The politics of risk society*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- BERNSTEIN, R. *Contra os deuses – a notável história do risco*. São Paulo: Objetiva, 1997.
- COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- COUTO, E. *O corpo polifônico*. São Paulo: Educ, 2002 (Projeto História, v. 25).
- DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 2, 1995.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOUGLAS, M. *Risk and blame*. London: Routledge, 1992.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GALINDO, D. Sobre cyborgues como figuras de borada. *Athenea Digital*, n. 4, outono 2003.
- HARAWAY, D. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late century. In: *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: twentieth Routledge, 1991, p. 149-181.

LAUAND, L. J. *Provérbios e educação moral*: a filosofia de Tomás de Aquino e a pedagogia do Mathal. São Paulo: Hottopos, 1997.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LOON, J. Virtual risks in an age of cybernetic reproduction. In: ADAM, B.; BECK, U.; LOON, J. V. (Eds.). *The risk society and beyond critical issues for social theory*. Sage Publications. London, 2000.

MENEGON, V. M. *A linguagem dos riscos na reprodução humana assistida*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2003.

PAZ, O. *O monogramático*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SANT'ANNA, D. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

\_\_\_\_\_. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SOARES, C. *Educação física*: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998b.

\_\_\_\_\_. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Orgs.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.

SPINK, M. J. Os contornos do risco na modernidade reflexiva: contribuições da psicologia social. In: *Psicologia e sociedade*, São Paulo, v. 12, n. 1, 2000a.

\_\_\_\_\_.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000b.

\_\_\_\_\_. Trópico dos discursos sobre riscos: risco aventura como metáfora da modernidade tardia. *Cadernos de saúde pública*, 2001.

SPINK, P. Pesquisa de campo e psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. In: *Psicologia e sociedade*, 15(2): 18-42, 2003.

Recebido: 3 fev. 2005

Aprovado: 27 mar. 2005

Endereço para correspondência

Rua Piauí, 1080/11

Higienópolis – SP

CEP 01241-000